DISCURSO DE OSWALDO RIEDEL

Como recipiendário da mais significativa honraria de quantas, até hoje, me outorgaram homens da cultura e do saber, sinto, neste momento de festiva solenidade, inefável satisfação íntima. E seria completo meu regozijo, não perdurasse restritiva impressão de que me não consigo desvencilhar: pergunto-me se, na realidade, sou merecedor de tão excelsa distinção.

Na Roma antiga era costume o imperador aparecer, em público, acompanhado de perto por filósofo grego, singular escravo incumbido de missão especial. A multidão, à passagem do soberano, prorrompia em vibrantes aclamações laudatórias, ressaltando-lhe a sublime natureza de supositícia divindade. Nessa ocasião o servo, com a voz compassada e soturna, deveria dirigir ao todo-poderoso César, iterativamente, as ameaçadoras palavras *Cave ne cadas!* — "Cuidado, para que não caias!" De censor implacável como aquêle, também dispõe nossa mente. Relembra-nos, com realismo, naturais limitações e escassos atributos de nossa precária condição humana quando, guindados a esplêndidas culminâncias, ouvimos encômios tão gratos à nossa vaidade. Autocrítica é o seu nome. E me faz ponderar, neste instante em que estou sendo galardoado, se não deveria ter sôbre outrem recaído a escolha para que fôssem condignamente ocupadas, neste sodalício, as vagas do Dr. Dolor Uchoa Barreira e do padre Rodolfo Ferreira da Cunha, doravante meus numes tutelares. Assim, pois, é com humildade que recebo o dignificante encargo de suceder espiritualmente a essas duas lídimas expressões de cultura da terra cearense, notório e pródigo berço de capacidades intelectuais privilegiadas.

A vida de Dolor como a do pe. Rodolfo, quando cotejadas, apresentam várias e interessantes particularidades coincidentes. Ambos vieram ao mundo no interior do Ceará, em localidades que, na época, ostentavam curiosa e paradoxalmente nomes em desacôrdo com o que seria de esperar em terra da sêca: Dolor nasceu em Cachoeira e

pe. Rodolfo em Lavagem. Ambos, na adolescência, freqüentaram educandários dirigidos por sacerdotes: Dolor estudou no Colégio São José, dirigido por frades beneditinos na serra do Estêvão, em Quixadá, e padre Rodolfo cursou o Seminário da Prainha, na Capital. Ambos concluíram os estudos em Fortaleza: Dolor, bacharelando-se em Direito, padre Rodolfo, recebendo ordens sacras. Ambos, oradores natos, empolgaram — cada um a seu modo — os auditórios, mercê de facilidade de expressão, beleza literária da forma e precisão de conceitos, que lhes eram peculiares. Ambos, paralelamente à atividade principal, exerceram com proficiência o magistério: Dolor lecionou em estabelecimentos de ensino secundário quando acadêmico ainda e, depois, advogado, regeu cátedra na Faculdade de Direito: padre Rodolfo, sem prejuízo de suas múltiplas e absorventes obrigações de pároco, ministrou aulas no Seminário da Prainha, no Ginásio do Crato, no Colégio Castelo e, como catedrático, no Liceu do Ceará. Ambos, no início da quarta década de vida, defenderam tese: Dolor Barreira, para provimento da cátedra de Direito Civil na Faculdade de que, mais tarde, seria Diretor; padre Rodolfo, para conquistar a cadeira de Geografia, Corografia do Brasil e Cosmografia, no Liceu do Ceará. Ambos morreram no mesmo ano e no mesmo local: hospitalizados na Casa de Saúde Eduardo Salgado em Fortaleza, aí entregaram a alma ao Criador com dois meses e poucos dias de diferença: primeiro o padre Rodolfo e, depois, Dolor Barreira.

Difícil se me depara a tarefa de discorrer sôbre atividades e méritos de cada um de meus patronos. Personalidades marcantes e de insofismável projeção no cenário intelectual do Ceará, a respeito dêles já divulgaram excelentes apreciações biobibliográficas vários autores de nomeada. Traçaram-lhe, com mestria, os vigorosos e inconfundíveis perfis. A rigor, pois, nada me restaria acrescentar. Não obstante procurarei, nesses retratos, avivar aqui e acolá o esbatido e focalizar certos aspectos de atitudes mentais e de grandeza espiritual que, dêles, me parecem mais típicos.

Era Dolor Barreira, antes de tudo, um cultor do Direito em sua mais nobre acepção. Com muita propriedade Raimundo Girão dêle disse que "... a advocacia militante deu muitos azos a que mostrasse o poder de sua erudição específica, denunciada nos trabalhos forenses e nos pareceres acatados, fragmentos apenas do maciço de sua aptidão doutoral." E acrescenta: "... como advogado ninguém, porventura, o superou no acêrto dos arrazoados e na interpretação dos Códigos". Dolor, êle mesmo, confessaria — reproduzimos palavras suas — que no gabinete e no pretório, fizera sempre, do Direito, objetivo precípuo de suas lucubrações. Sua conceituação de justiça é vazada em estilo que, pelo sabor clássico, lembra a do padre Antônio Vieira. Ouçamo-lo: ... "a justiça é, de fato, assim levantada à altura de seus superiores objetivos, o amparo da liberdade malferida, a garantia dos direitos conculcados, a segurança do oprimido contra o opressor, a salvaguarda do pobre contra as arrogâncias do dinheiro,

a excelsa medianeira no torvelinho das más paixões humanas, a ordem, a fôrça construtiva, a confiança, o desinterêsse, a estabilidade na instabilidade, no entrechoque dos egoismos, na intranqüilidade, na dispersão, no caos..."

Não era, porém, apenas teórico êsse culto do Direito em Dolor Barreira, porquanto nêle deitara profundas raizes e se refletia em seu modo de pensar e de agir. Numa ocasião em que tive oportunidade de com êle trocar idéias sôbre assunto de seu desagrado, mas de indiscutível relevância, Dolor não o contestou com irritada veemência. Nem procurou, tampouco, pelo silêncio ou através de ambígua referência lacônica, esquivar-se de dar sua opinião. Entre essas atitudes extremas, optou pela serena eqüiponderância que lhe ditara o acendrado senso de justiça. Por seus predicados de caráter e retidão de julgamento, ser-lhe-ia portanto aplicável, na íntegra, o que do togado asseverou Neves da Fontoura: "Forte demais para ter protetores, fraco demais para ter protegidos, o advogado seria a criatura perfeita, se a perfeição fôsse possível no mundo."

Da escola primária aos bancos acadêmicos, foi Dolor sempre o *primus inter pares*: diamante sem jaça, em que a constância da leitura foi condicionando lapidação de multifacetado brilhante donde fulgiriam faúlhas e seriam despedidas ofuscantes cintilações. Dessa leitura sem tréguas e disciplinada resultaria, aos poucos e progressivamente, magnífica biblioteca de assuntos jurídicos e culturais. Foi talvez a mais rica e maior coleção particular de livros no Ceará. Patrimônio inavaliável, a êle se referia Dolor Barreira como sendo "... minha cara e remansosa biblioteca, onde os tratados indigestos de Aubry e Rau e Duraton se irmanam com as poesias de Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo, onde os compêndios massudos de Letourneau e Spencer se aparelham com os romances de Herculano e Camilo". "Aí, entre seus queridos livros — dizia êle com terno enlêvo — se conservam lembranças, se materializam recordações, palpitantes e vivas, dêsses suavíssimos passeios do espírito por essas regiões encantadas."

Os primeiros e vacilantes passos de Dolor no ingrato e resvaladio terreno das letras foram ensaiados quando êle e seu colega de turma no Colégio São José em Quixadá, Leonardo Mota, fundaram sociedade a que chamaram "Recreio Literário". Aos quinze anos de idade proferia, em público, um discurso, — primeiro da série considerável de peças oratórias, algumas das quais mais tarde enfeixadas em livros. Tentou, acadêmico ainda, escrever conto que, porém, deixou incompleto e inédito. Militaria, por pouco tempo, na imprensa e colaboraria em algumas revistas literárias da primeira e segunda décadas dêste século. Voltaria, muitos anos depois, a divulgar trabalhos culturais nas revistas da Academia Cearense de Letras e na do Instituto do Ceará. Nunca sentiu vocação para a rima, e disso não fêz segrêdo. No entanto, ninguém mais que Dolor apreciaria boas produções poéticas. Com beneditina paciência foi coligindo publicações

de conterrâneos e pesquisando-lhes, em velhos jornais e almanaques, poesias e outros trabalhos literários. Salvou-os de inexorável olvido e destruição, a que provàvelmente estariam condenados em efêmeros periódicos e revistas literárias de curto fôlego. E como tivesse pleno domínio do vernáculo e o raro talento, próprio do escritor de escol, da exposição sóbria, elegante e escorreita, pôde realizar obra ciclópica em quatro alentados volumes: a *História da Literatura Cearense*. Não quis o destino concluísse Dolor êsse trabalho de vulto, de que desconhecemos símile. O estilo terso e a opulência da documentação tornaram essa obra, mesmo inacabada, roteiro seguro de consulta obrigatória para quantos se interessem pela história, fidedigna, da literatura da terra de Alencar.

O manuseio diuturno de obras poéticas aguçou-lhe sobremodo o senso de estética e de ritmo. Antes de ser operado na Casa de Saúde, deixou escapar observação de antinarcisismo. Disse êle: "Dolor Uchoa Barreira... que nome feio!" Tê-lo-ia então comparado ao harmonioso dodecassilábico, alexandrino perfeito, que Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac recebera na pia batismal?

Ninguém mais representativo da simplicidade que Dolor: em sua alvinitente roupa de linho, como que lhe simbolianzdo a pureza das intenções; na exposição, sem subterfúgios, de suas idéias e convicções; no convívio com familiares, amigos, alunos... E, a essa singeleza, somavam-se raras virtudes: a gratidão e a bondade. Quando publicou o quarto volume da *História da Literatura Cearense*, não se esqueceu Dolor de ressaltar o quanto devia à colaboração de D. Maria Conceição Sousa que, bibliotecônoma, para êle separou livros e recortes de jornais, coligiu dados esparsos e os catalogou. Encarregou-se, ainda, de datilografar os originais e tomou a si a revisão tipográfica. Trabalho árduo e estafante, fadado ao anonimato se Dolor lhe não tivesse, de público, tributado reconhecimento. Reconhecimento que, no dizer de Massieu, é a "memória do coração"...

Dolor sempre foi, intensamente, emotivo. Dêle nos relata Nertan Macedo que, revendo provas de sua *História da Literatura Cearense*, não pôde reprimir copiosas lágrimas quando lhe veio às mãos a produção literária de amigo dileto, há muito falecido e cuja infelicidade e real motivação, sublimada em comovente poema, conhecera de perto.

Inteligente e erudito, exornado de invulgares virtudes que lhe plasmaram a personalidade profundamente humana, Dolor Uchoa Barreira teve, ditada pelo amor filial, esculpida na lápide a síntese expressiva do que, na realidade, foi para os coevos: "Homem culto, mas de alma simples e boa."

* * *

Descendente da nobreza rural nordestina, e por conseguinte de agricultores que se distinguiam do trabalhador assalariado apenas pela posse da terra que, também, sabiam amanhar, — não admira

fôsse o padre Rodolfo Ferreira da Cunha predestinado à mentalidade geopônica. Revelou-a, em sua plenitude, na tese que, em idade madura, defenderia para conquistar a cátedra de Geografia no Liceu do Ceará. Foi, essa tese, *O Vale do Jaguaribe*, escrita em linguagem entusiástica e sonora, apoiada por amplo domínio do idioma. Empolga o leitor pelo caráter acentuadamente realista do conteúdo. Sua descrição da sêca, longe do exagêro sensacionalista e escoimado de lugares-comuns, é síntese impressionista que convence. Principalmente pela eloqüência de dados estatísticos, hàbilmente inseridos no contexto e comentados com acêrto. Mas, não só a sêca o preocupou. Ainda outro flagelo, crismado pela inventiva sertaneja de "sêca molhada", foi objeto de suas cogitações: as chuvas torrenciais e conseqüentemente inundações. Assim lhe resumiu o quadro dramático: "Outro flagelo que acompanha periòdicamente o cearense, através de sua vida acidentada e laboriosa, são as inundações que, na mesma proporção de vinte por cento, caem sôbre a terra mártir, arrasando-lhe as margens dos rios, inutilizando-lhes a lavoura, deixando as populações sertanejas em situação muito pouco superior à de uma sêca nordestina com todos os seus horrores..."

Não era contemplativo o padre Rodolfo. Para êsses complexos problemas resultantes de escassez ou excesso d'água pluvial e de sua irregular distribuição seriam, acreditava, encontradas soluções. Para tanto, teriam que ser construídos açudes, realizadas as convenientes irrigações e providenciados os meios de comunicação adequados. Espírito pragmático, assim o sintetiza: "Agora que tão difícil se torna verificar e demonstrar cientìficamente a causa das sêcas, já que se não encontrou até agora um meio de impedi-las ou obstá-las, ao menos cuide-se sistemàticamente de combater os seus efeitos, dotando o Nordeste de remédios eficazes contra as devastações do flagelo." E conclui: "Irrigação sistemática e meios fáceis de transporte são pois os dois mais salutares remédios contra os terríveis efeitos das sêcas." Procurava o padre Rodolfo, portanto, a melhoria das condições de vida para o homem nordestino. Neste particular, aproximou-se da escola geográfica francesa da atualidade, que procura libertar-se, de um lado do determinismo geográfico de Ratzel, Huntington e Hettner e de outro, da teoria do materialismo histórico ou do acaso histórico. Dos estudos de Vidal, Demangeon, Lablache e outros, resultaria o conhecimento das relações múltiplas e complexas entre a Natureza, a História e a conjuntura sócio-econômica do presente. Para essa escola o espaço, o tempo e o número são básicos. O *espaço* geográfico, horizontal, constituiria suporte para o espaço histórico, àquele sobrejacente em verticalidade. O *tempo*, fundamental na História, porém exíguo como componente geográfico, neste caso fica limitado ao presente. A inaudível, mas nem por isso menos metuenda explosão populacional de nossos dias veio evidenciar, com a problemática do terceiro mundo, a importância do *número* de habitantes do planêta.

Na interpretação dessa escola é emprestado, à geografia, caráter de ciência *humana*. A definição de Maurice Le Lannou, de ser a Geografia "o estudo do *homem habitante*", vem caracterizá-la como *humana* e *humanística*. Estas noções, que conduziriam à concepção dinâmica da geografia ativa, longe estavam de ser conhecidas do padre Rodolfo. Nem tampouco a *Wirtschaftsgeographie*, a agrogeografia tão bem estudada por Leo Waibel. Mas, intuitivamente — e isto depreende de seus escritos — cerrava êle fileiras com os que, a exemplo do senador Pompeu, de Pompeu Filho e Pompeu Sobrinho, Rodolfo Teófilo, Ildefonso Albano e outros, encaravam o problema do ponto de vista geopônico. Filiou-se, assim, sem o saber, a essa corrente de pioneiros do *humanismo telúrico* de que nos fala o professor Francisco Alves de Andrade, e que tão íntimas correlações tem com a novel geografia ativa.

Escreveu o padre Rodolfo mais três importantes trabalhos, dois dos quais relativos a assuntos geográficos e um de cunho histórico. Êste último constitui as *Notas Históricas do Livro de Tombo da Paróquia de Porangaba*. Dos trabalhos atinentes à Geografia um, sôbre a *Hulha negra e hulha branca*, foi escrito um ano após a tese e, como esta, vem impregnado de humanismo telúrico. O outro, intitulado *O Araguaia*, é descrição de viagem que, em idade provecta, fêz o padre Rodolfo a partir de Ipameri, em Goiás, a Belém do Pará. Utilizando lancha de gasolina, nela percorreu grande parte da rota fluvial do Araguaia, que o impressionou vivamente como paisagem e fonte inexaurível de recursos materiais para o homem. De permeio a considerações objetivas, não se mostrava, porém, insensível à beleza do ambiente que, extasiado, observava em tôrno. Vale transcrever um dos quadros que, em rápidas pinceladas, fixou magistralmente: "Para melhor sentir a majestade e grandeza do Araguaia", escreve o padre Rodolfo, "seria preciso sentar-se à borda de uma dessas *pentas* ou lanchas de gasolina, à hora misteriosa do pôr do sol, ou quando, à noitinha, se desenha nas águas a esteira da luz prateada da lua. Parece que o rio tem alma e que a alma do rio fala à alma da gente, contando a sua vida oculta, as suas lutas com a natureza e os homens, os seus mistérios insondáveis semelhantes aos mistérios do infinito".

Seus últimos anos de vida padre Rodolfo os passou, quase todos, na tranqüilidade bucólica de sua terra natal, a que emprestara o nome bíblico de Canaã. Aí pretendia, cercado de sertanejos a quem dava assistência espiritual, exalar o último alento. Pertinaz doença o obrigou, porém, a procurar os recursos médicos em Fortaleza, onde, octogenário, faleceu. Extinguiu-se assim vida mentalmente fecunda, inteiramente devotada ao ensino e à prática do Bem.

* * *

Transpus, há pouco, a imponente escada de mármore que dá acesso ao interior desta Casa, para ser empossado como sócio efetivo.

Eram de lioz, maciços e toscos, os poucos degraus da escada que, aos vinte e três anos de idade galguei para transpor pela primeira vez os umbrais do Instituto do Ceará, então localizados no rés-do-chão do edifício da Assembléia Legislativa. Trinta e três anos separam os dois acontecimentos. Pompeu Sobrinho e João Nogueira, que acolheram paternalmente aquêle jovem ávido de conhecimentos e a quem muito ensinaram, estão agora mais do que nunca presentes na memória e na saudade do cinqüentão que muito dêles ainda teria que aprender, se vivos estivessem.

Meus prezados consócios:

Fizestes-me um dos vossos. Oxalá possa eu então corresponder à vossa confiança que, generosamente superestimando minhas minguadas fôrças, conduziu-me para companhia tão seleta e conspícua.